

## A TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES NO DISCURSO DE MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA

Gabriel Henrique Haddad<sup>1</sup>  
Maria Flávia Figueiredo<sup>2</sup>

### Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar o discurso de moradores em situação de rua e avaliar quais foram as possíveis emoções (paixões aristotélicas) despertadas nessas pessoas para que fossem levadas a essa condição de exclusão social. Por meio da análise, procurou-se identificar os aspectos passionais nas falas desses indivíduos, além de verificar de que forma o *pathos* pôde atuar na construção sociológica, psicológica e jurídica desses cidadãos à margem da sociedade. A fim de proceder à análise, foram efetuadas entrevistas semiestruturadas com moradores em situação de rua na cidade de Franca, SP. Para a pesquisa, no que se refere aos estudos retóricos e argumentativos, foram considerados, para compor o referencial teórico, os seguintes autores: Aristóteles (2012), Figueiredo (2018, 2019), Lima (2011), Mateus (2018), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Meyer (2000), Reboul (2004), Ferreira (2010), Figueiredo e Ferreira (2016), Abreu (2002) e Fiorin (2014). Concomitantemente, no que tange ao referencial sociológico e jurídico, foram considerados os autores: Foucault (1978) e Moraes (2010). No segundo momento, de caráter empírico, as entrevistas semiestruturadas foram o instrumento metodológico utilizado para buscar responder se certas ações foram motivadas por paixões anteriores. De acordo com a análise efetuada, foi possível identificar determinadas emoções por meio dos discursos dos entrevistados. Com esse resultado, espera-se contribuir com os estudos sociais do tema em questão e com sua aplicação no que se refere aos Direitos Humanos e Garantias Fundamentais, com base nas teorias do Direito, da Sociologia e da Psicologia, sob a perspectiva da teoria Retórica e seus desdobramentos.

**Palavras-chave:** Retórica; Paixões aristotélicas; *Pathos*; Trajetória das paixões; Pessoas em situação de rua.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Franca e Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Franca. E-mail: gabriel.h.haddad@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Unesp-Araraquara, com estágio pós-doutoral em Retórica na PUC-SP. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Franca e também dos cursos de graduação em Letras, Pedagogia e Fonoaudiologia da mesma instituição. E-mail: mariaflaviafigueiredo@yahoo.com.br

**Abstract:**

The present work aims to analyze the discourse of homeless people and to highlight the possible emotions (Aristotelian passions) that were aroused in these people so that they could be taken to the condition of social exclusion. Through the analysis, we sought to identify the rhetorical character in the speeches of these individuals, in addition to verifying how pathos can act in the sociological, psychological and legal construction of these citizens on the margins of society. In order to proceed with the analysis, semi-structured interviews were conducted with homeless people in the city of Franca, SP. For the research, with regard to rhetorical and argumentative studies, the following authors were considered to compose the theoretical framework: Aristotle (2012), Figueiredo (2018, 2019), Lima (2011), Mateus (2018), Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Meyer (2000), Reboul (2004), Ferreira (2010), Figueiredo and Ferreira (2016), Abreu (2002) and Fiorin (2014). Concomitantly, with regard to the sociological and legal framework, the considered authors were: Foucault (1978) and Moraes (2010). In the second moment, of an empirical character, semi-structured interviews were the methodological instrument used to answer whether certain actions could be motivated by previous passions. Through the analysis, it was possible to identify certain emotions through the interviewees' speeches. With this result, we expected to contribute to the social studies of the subject in question, and with its application regarding the Human Rights and Fundamental Guarantees, based on the theories of Law, Sociology and Psychology, from the perspective of theory Rhetoric and its consequences.

**Keywords:** Rhetoric; Aristotelian passions; Pathos; Pathways to passion; Homeless people.

**Introdução**

A Retórica de Aristóteles define três meios para que se possa alcançar a persuasão: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. O primeiro está ligado ao caráter do orador, o segundo define-se como as paixões (emoções) despertadas no ouvinte e o último são meios que derivam dos argumentos verdadeiros ou verossímeis. Dos três, a ênfase deste trabalho repousa sob a figura do *pathos*. Essa escolha se justifica em função do entendimento de que as paixões aristotélicas exercem um papel de extrema relevância no tocante à persuasão. Elencadas no segundo livro do filósofo de Estagira, o estudo das paixões vem se revigorando com o passar do tempo, dada sua produtividade e aplicabilidade, não apenas no tocante à linguagem, mas também a outras áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Psicanálise, a Sociologia e, até mesmo, as teorias jurídicas.

Norteados por esses conceitos, o presente trabalho visa entender de que maneira esses efeitos passionais podem ser capazes de persuadir um indivíduo e como a persuasão age no caráter psicofísico do ser.

Para efetuar tal investigação, parte-se da descrição feita por Aristóteles (2012) acerca das paixões e das proposições de Figueiredo (2018, 2019) no que se refere à Trajetória das paixões. Ademais, serão trazidos, como complemento, conceitos de estudos mais recentes sobre psicologia, sociologia e direito. Por meio do método de cunho etnográfico e da pesquisa de campo efetuada com o uso de entrevistas semiestruturadas, são investigadas as possíveis paixões vivenciadas por moradores em situação de rua da cidade de Franca, SP.

Realizadas as análises das transcrições das entrevistas com esses moradores, buscou-se entender as motivações que possivelmente exerceram papel crucial na “tomada de decisão” dessas pessoas, e como essas alterações psicofísicas, provenientes do “*pathos*”, foram capazes de levar essas pessoas ao seu extremo, submetendo-as a condições de miséria e marginalização.

## **1 . Dos meios de persuasão: o *Pathos***

Dos três meios artísticos de persuasão (*ethos*, *pathos* e *logos*), este trabalho se dedicará à instância do *pathos*.

O *pathos* está ligado ao despertar de emoções (paixões), afetividades capazes de conduzir com adequação o estado emocional do auditório. Nesse ponto do discurso, o orador desloca o estágio racional do ouvinte, para um passional, a fim de produzir um terreno fértil para a persuasão.

O despertar das paixões é um meio imprescindível em um discurso retórico. As emoções, dentre suas variáveis, como a ira, a calma, o amor e o ódio, ou mesmo a piedade, são sentimentos com grande capacidade de influência persuasiva. A esse respeito, Meyer (2007, p. 38) traz o seguinte pensamento:

A paixão é, portanto, um poderoso reservatório para mobilizar o auditório em favor de uma tese. Isso reforça a identidade dos pontos de vista, ou a diferença em relação à tese que procuramos afastar. A função da paixão consiste em comunicar ao outro a diferença que é a sua: é uma resposta sobre um problema que separa, e há paixão na cólera que insulta, assim como no amor, que visa a aproximação.

Dentre suas diversas concepções teóricas, o *pathos*, sob a perspectiva aristotélica, está ligado ao campo das emoções humanas e perpassa elementos psicológicos e passionais. Sendo assim, o filósofo disserta sobre a eficácia desses aspectos para a integração do argumento persuasivo.

Tais são, pois, as matérias donde convém extrair os argumentos para aconselhar e desaconselhar, louvar e censurar, acusar e defender-se; tais são também as opiniões e as premissas que são úteis para as provas, pois é sobre tais matérias e a partir dessas premissas que se retiram os entimemas, que tratam propriamente de cada um dos gêneros oratórios. (ARISTÓTELES, 2012, p. 83)

Aristóteles (2012, p. 85) esclarece que “As emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer: tais são a ira, a compaixão, o medo e outras semelhantes, assim como as suas contrárias”.

É importante ressaltar que esse pensamento aristotélico, sob a ótica do *pathos*, deixou de ficar restrito apenas à Retórica e passou a ser explorado por diversos outros campos do conhecimento. Estudos sociológicos, psicológicos e filosóficos se baseiam nesse pensamento para múltiplas aplicações, tais como a multidisciplinaridade que será tratada nesta pesquisa.

Segundo Martins (1999, p. 65), “nos tempos modernos, o termo *pathos* foi transformado em um radical que, quando presente, envia quase diretamente a uma concepção de doença na sua forma médica atual”. Nesse contexto, ele se refere à definição de patologia, comumente utilizada, levantando uma crítica ao desconhecimento e até mesmo a negação de suas origens. Assim se pronuncia:

O conceito de *pathos* traz consigo possibilidades e problemas mais amplos que o sentido de doença, não fazendo parte de um só campo de estudos como a palavra “patologia” indica. Investigando-se com mais cuidado percebe-se que se trata de uma dimensão essencial humana. O *pathos* seria compreendido como uma disposição (*Stimmung*) originária do sujeito que está na base do que é próprio do humano. Assim, o *pathos* atravessa toda e qualquer dimensão humana, permeando todo o universo do ser. (MARTINS, 1999, p. 66)

Por conseguinte, torna-se inconcebível tratar o *pathos* de modo enviesado, como sendo objeto de estudo de uma única disciplina, afinal, “ele é um conceito inerente ao ser.” (MARTINS, 1999, p. 66).

Martin Heidegger, importante filósofo alemão do século XX, estudioso da hermenêutica, também se empenhou acerca do tema e elucidou outras perspectivas sobre o *pathos*, sempre com base nos conceitos aristotélicos.

Traduzimos habitualmente *páthos* por paixão, turbilhão afetivo. Mas *páthos* remonta à *páskhein*, sofrer, aguentar, suportar, tolerar, deixar-se levar por, deixar-se convocar por. É ousado, como sempre em tais casos, traduzir *páthos* por disposição, palavra com que procuramos expressar uma tonalidade de humor que nos harmoniza e nos convoca por um apelo. (HEIDEGGER, 1999, p. 38)

Desse modo, torna-se evidente que o *pathos* transcende os limites conceituais, por se tratar de um princípio intrínseco ao ser humano. Mas, para limitar suas dimensões, será ensaiado, daqui em diante, o clássico conceito aristotélico das paixões, percorrendo suas aplicações e elencando as questões transitórias provocadas pelo orador a fim de despertar virtudes ou vícios de acordo com cada circunstância motivadora.

## 1.2. Das Paixões Aristotélicas

Consoante à abordagem citada, o segundo livro da obra de Aristóteles elenca quatorze emoções que podem ser despertadas no ser humano. Com intuito de se aprofundar nesse tema, serão apresentadas as definições de acordo com o próprio filósofo.

- Ira: é entendida como um desejo de vingança, incitada pela dor, resultante do desprezo, vexame ou ultraje causado ao ofendido ou a outra pessoa próxima de sua convivência. Acredita-se que a ira é acompanhada de prazer, fruto de uma “representação” ou imaginação de que a vingança produzirá satisfação.

- Calma: considerada o oposto da ira, configura a ausência de qualquer emoção que possa despertar a raiva. É tratada como a indiferença diante do desdém e também como o estado de espírito contrário ao da cólera.

- Amor: sentimento de bem querer para com o outro. Alegrar-se pela felicidade do próximo, assim como se entristecer pela dor do outro. Ligado diretamente à amizade e à familiaridade. Paixão que associa, que une.
- Ódio: sentimento intenso de ira e aversão. Oposto ao amor, pactua com a inimizade. O ódio desassocia.
- Temor: situação de aflição ou perturbação causada por um mal, seja ele iminente, ruinoso ou penoso. São temíveis as coisas com grande capacidade destrutiva, aquelas que causam danos e levam ao desgosto.
- Confiança: é o contrário do temor. É o distanciamento do que se teme e a aproximação dos meios de salvação. O que inspira o medo é o oposto da inspiração da confiança.
- Vergonha: certo abatimento ou perturbação espiritual causada por erros praticados no passado, no presente ou no futuro que possam causar a perda da reputação do indivíduo. Emoção ocasionada pela preocupação em se estabelecer uma boa imagem perante o olhar do outro.
- Desvergonha: traduzida como oposição da vergonha. Estado de espírito onde se encontra o indivíduo que não se importa com a opinião alheia sobre a sua própria imagem. É a indiferença em relação ao julgamento e/ou olhar do outro.
- Amabilidade: é o favor para com o outro. Um serviço que se presta a outrem que tem necessidade. Quem faz um favor não o faz por recompensa, nem com a finalidade de obter proveito pessoal, mas sim pelo benefício do outro.
- Piedade: consiste no sentimento que se assemelha à pena, resultante de um mal que possa causar destruição, aflição a alguém a que se julga não merecer o mal que lhe foi causado. Essa paixão é despertada quando um indivíduo se coloca no lugar do outro.
- Indignação: adversa, de certo modo, da piedade. As duas paixões são despertadas por meio do caráter. Assim como a pena por entender que o semelhante não merece o mal, a indignação reflete pelo entendimento do próximo não merecer aquilo que tem. Entendimento de que a situação não é proporcional à virtude.
- Inveja: essa paixão é sentida quando um indivíduo semelhante em questões como idade, parentesco, até mesmo reputação, obtém maior êxito, bens ou

realizações que os demais. Aquele que sente inveja não pretende buscar o mesmo sucesso do invejado, mas sim a destruição dele.

- Emulação: aquele que a sente não pretende tirar a conquista do seu semelhante, ou vencer em disputa por aquilo que se quer, como é o caso do invejoso, mas sim buscar o objeto de emulação também para si. É tomar como exemplo o seu próximo afortunado.

- Desprezo: inverso da emulação, definido como a crença de que a conquista do outro não tem valor para si, desconsidera-se a possível virtude, sorte ou conquista por entender que não há mérito para tal.

Após serem descritas as 14 paixões aristotélicas, é importante explicar que essas emoções, com capacidade de persuasão, têm caráter psicofísico, ou seja, além de afetar o que se entende como questões passionais, elas podem alterar questões físicas do ser. Assim discorre Mateus (2018, p. 110): “O *pathos* consiste, igualmente, na emoção irreprimível e por isso o discurso de índole emocional é tão importante para o orador: é que as emoções são mais difíceis de dominar e, frequentemente, escapam ao controle da razão”.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Abreu (2002, p. 48), assim, se pronuncia:

A voz do senso comum diz que o homem é um ser racional. Pesquisas recentes têm demonstrado que isso não é verdade! Nós somos seres principalmente emocionais! O que há de racional, quando seres humanos da mesma fé são capazes de se matar por diferenças milimétricas? [...] É por isso que vem ganhando cada vez mais destaque entre nós o conceito de Inteligência Emocional.

É justamente esse ponto que esta pesquisa pretende explorar a partir da seguinte hipótese: como essas alterações provenientes do *pathos* são capazes de levar um indivíduo ao seu extremo, a ponto de se submeter a condições de miséria e marginalização.

Com o propósito de aprofundar nas pesquisas que versam sobre as alterações psicofísicas do ser, lançaremos mão dos estudos de Figueiredo (2018, 2019), que trazem uma nova abordagem sobre o tema.

### 1.3. Da Trajetória das Paixões

Nessa teoria proposta por Figueiredo (2018, 2019), a autora retoma a concepção de “disponibilidade” de origem aristotélica e, se aprofunda no que conceitua como a “trajetória das paixões” em um processo persuasivo.

Para se alcançar a persuasão por meio do *pathos*, é necessário que o discurso seja deslocado do campo racional para o passional, o que só se torna possível mediante uma “disponibilidade emocional” do ouvinte. Assim, essa nova teoria traz consigo os desdobramentos dessa disposição, e como essas emoções podem ser atingidas.

Diante da conceituação de Figueiredo (2018, 2019), serão investigadas, possíveis aplicações dessa teoria. O objetivo será refletir sobre as paixões aristotélicas em seu maior alcance, e como os impactos da AÇÃO, advindas de ALTERAÇÕES PSICOFÍSICAS, conduzem o pensamento humano.

Como descrito anteriormente, a autora baseia-se na construção aristotélica de “disponibilidade” e “identificação” para propor sua abordagem. Utiliza essas duas iniciais como gatilho para as três posteriores: Alteração Psicofísica, Mudança de Julgamento e Ação.

Para ilustrar o referido processo, segue a figura da proposta:

Figura 1 – A trajetória das paixões



Fonte: FIGUEIREDO (2019, p. 10)

A disponibilidade é a instância do *pathos*, na Retórica, referente às paixões de um auditório. Assim, segundo a autora, para que haja persuasão em um discurso, sugere-se que o orador invoque o caráter emocional do auditório. Contudo, essa estratégia só se faz possível quando já é preexistente a disponibilidade de afeto do público em questão, permitindo a criação de um terreno fértil para a persuadir.

[...] um auditório só irá sentir determinada paixão (afecção) se estiver aberto, de acordo com sua pré-disposição cognitiva, a sentir aquela emoção. O estágio da Disponibilidade, portanto, tange a aceitação e a disposição emocional do auditório às emoções propostas em um determinado discurso. (FIGUEIREDO, 2019, p. 11)

Em um discurso argumentativo-persuasivo, para que a instância onde se fixa o *pathos* seja estimulada, é necessário que o ouvinte ou auditório esteja aberto ao que está sendo proferido. Isso permite concluir que, para haver uma comoção, é necessário que haja uma disponibilidade afetiva. Assim explica Figueiredo (2019, p. 11):

Não obstante, esse caminho só se torna viável quando as emoções do auditório se encontram disponíveis para exploração do orador. Para isso, é necessária uma disponibilidade afetiva por parte do auditório, que permita criar um espaço para a paixão preconizada por quem profere o ato argumentativo.

Após obter sucesso nessa disponibilidade, a próxima etapa no processo do despertar patético é a identificação. Nesse momento, para que o auditório ou o ouvinte se sensibilize com o que está sendo dito, ele precisará se identificar, encontrar alguma semelhança, um valor presente em sua condição, com aquilo que lhe for passado.

A alteração psicofísica vem com a junção desses fatores, uma vez que, “como parte integrante do auditório, passo a experienciar alterações e processos fisiológicos, seguidos de sentimentos de prazer e/ou dor.” (FIGUEIREDO, 2019, p. 12)

Nesse momento, o corpo é atingido, afetando as funções psíquicas e físicas capazes de comandar mudanças no julgamento. Essa alteração cognitiva produz efeito direto no espírito. Por essa razão, declara Figueiredo (2018, p. 155): “Dessa maneira, assistimos à conjunção do corpo e da mente impulsionados por uma mesma causa.

Nessa sintonia e instigado pela mudança de julgamento, o auditório se vê convocado à ação”.

Por fim, a ação: objetivo final de um processo persuasivo. Segundo Abreu (2002, p. 25) “persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize.”

Assim, alcançado esse estágio, fecha-se o ciclo do argumento retórico e a ação do auditório é o que prevalecerá. “O circuito está fechado: há paixão porque há ação e essa reciprocidade inscreve-se como interação de diferenças no seio de uma mesma identidade, de uma mesma comunidade.” (MEYER, 2003, p. XXXVII).

Amparando-se nessa perspectiva da Trajetória das Paixões (FIGUEIREDO 2018, 2019), a pesquisa focará, principalmente, neste último estágio: a ação.

Por meio desse último estágio, será proposto um estudo inverso das etapas passionais. Partindo da ação, serão investigadas as motivações dos ouvintes, intentando evidenciar as possíveis paixões que foram despertadas para que tomassem, como escolha, o abandono do lar, submetendo-se à situação de rua.

## **2. Procedimentos Metodológicos**

Partindo dos estudos da teoria retórica e de seus desdobramentos no que tange as áreas do conhecimento, a presente pesquisa busca evidências de questões passionais, sob a ótica aristotélica, nas falas da população em situação de rua. A partir dessa hipótese, verificada de forma empírica as condições dessa investigação, diante dos estudos teóricos e suas aplicações, levantou-se a questão norteadora dessa pesquisa: Será que a atitude dessas pessoas de decidirem morar nas ruas foi motivada por uma paixão (emoção) vivenciada?

Assim, foi elaborado um instrumento investigativo que, de acordo com o nosso entendimento, é capaz de averiguar se tais condições hipotéticas podem ser consideradas válidas.

Devido à especificidade do *corpus* do presente trabalho, e por se tratar de questões de grupos sociais, foi escolhida, como metodologia mais apropriada de investigação, a etnografia. O princípio desse método é justamente estudar a cultura e o comportamento de determinados grupos sociais.

A pesquisa de campo foi realizada em uma cidade do interior paulista, onde se efetuou entrevistas com pessoas em situação de rua.<sup>3</sup> Essas entrevistas foram elaboradas de forma semiestruturada, pelo próprio pesquisador, assistido por profissionais das áreas de Serviço Social e Psicologia, visando uma abordagem direcionada e baseada nos preceitos fundamentais da dignidade humana.

Com base nos referenciais teóricos adotados e nos documentos bibliográficos pré-estabelecidos, buscar-se-á entender as compreensões das pessoas entrevistadas acerca das experiências vivenciadas e, assim, tentar localizar, em suas falas, possíveis paixões despertadas nessa população em situação de rua, que possam justificar, sob a luz da teoria retórica aristotélica e da trajetória das paixões, a motivação para o abandono do lar e a escolha de viver na rua.

### **3. Análise Retórico-Passional de Relatos de Pessoas em Situação de Rua**

As transcrições selecionadas para análise se referem a três das entrevistas realizadas pelo pesquisador. Para melhor discernimento e, principalmente, prezando pelas garantias de sigilo e confidencialidade dos entrevistados, conforme previsão legal e termos de consentimento, foram utilizadas letras e números para a identificação dos participantes, os quais serão apresentados como P1 (participante 1), P2 (participante 2) e P3 (participante 3).

A seguir, cada uma das três entrevistas, serão apresentadas na íntegra, seguidas de suas análises retórico-passionais.

#### **3.1. Análise – P1**

1. QUAL SEU NOME E SUA IDADE?

O. M., 37 anos.

2. VOCÊ SE IDENTIFICA COMO MULHER, HOMEM, NENHUM DOS DOIS OU COM UMA MISTURA DOS DOIS?

Homem.

---

<sup>3</sup> Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Franca.

3. VOCÊ SE SENTE ATRAÍDO POR MULHERES, HOMENS, OS DOIS, NENHUM DOS DOIS OU SE ATRAI POR PESSOAS INDEPENDENTEMENTE DO GÊNERO?

Só mulheres.

4. ONDE VOCÊ NASCEU?

Ribeirão.

5. VOCÊ TEM FAMÍLIA? ONDE ELES MORAM?

Tenho cinco irmãs e tenho um irmão também.

6. CASO TENHA FAMÍLIA, ELES JÁ PROCURARAM POR VOCÊ E TENTARAM TE LEVAR NOVAMENTE PARA O LAR?

Não, não...

7. VOCÊ FAZ OU JÁ FEZ USO DE DROGAS?

Já.

8. COMO ERA A CONDIÇÃO FINANCEIRA EM QUE VIVIA?

Crítica, de pobre.... era difícil, era difícil “memo”

9. QUAL FOI O MAIOR MOTIVO QUE TE FEZ VIR MORAR NA RUA?

Briga com família, desunião... larguei da mulher... ela tem muito ciúmes, ela tem muito ciúmes.

10. QUAL FOI A EMOÇÃO MAIS FORTE QUE VOCÊ SENTIU ANTES DE TOMAR ESSA DECISÃO?

Foi a *perca* da minha mãe, na adolescência ... depois que eu perdi minha mãe, aí eu amiguei com uma mulher, aí larguei e vim morar na rua. Ela me traiu um monte de vez já, muita briga também, né... porque ela tinha muito ciúmes.

11. QUAL O SENTIMENTO MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ?

Só de dor, só de dor, sentimento de alegria e felicidade tem não...

12. QUAL ERA SEU MAIOR SONHO ANTES DE MORAR NA RUA? HOJE ESSE SONHO CONTINUA O MESMO?

Casar de novo, ter uma casa, ver meus filhos... tenho uma filha de 17 anos e um filho de 13 anos.

13. VOCÊ SE ARREPENDE?

Não... não...

14. VOCÊ JÁ BUSCOU AJUDA DE PROFISSIONAIS COMO ASSISTENTE SOCIAIS OU PSICÓLOGOS?

Não... tsts... não....

15. O QUE VOCÊ MUDARIA NO MUNDO?

Eu *num* sei...

O início do discurso de P1 serviu como identificação do entrevistado, como nome, idade, sexo e gênero. Posteriormente, foram levantados alguns questionamentos mais específicos, o que possibilitou o desenvolvimento.

Durante a entrevista, por mais que tenha aceitado e concordado com os termos da pesquisa, P1 aparenta ser quieto, isso pode ser notado diante de suas respostas curtas e diretas.

Pôde-se identificar, por meio da quarta pergunta, que ele não havia nascido na cidade de Franca, mas sim, em Ribeirão Preto, aproximadamente 90 km (noventa quilômetros) de distância, e que havia deixado a cidade por não se sentir confortável perto dos parentes.

Em relação a esses parentes, P1 esclarece ter irmãos em sua cidade natal:

“Tenho cinco irmãs e tenho um irmão também... todos de Ribeirão.”

Em seguida, foi levantada a hipótese de um retorno ao lar, seguida da pergunta se a família já havia procurado por ele, mas essa hipótese foi negada pelo entrevistado. Questionado sobre a situação financeira em que vivia, de modo curto, descreve como sendo de pobreza.

Segundo P1, o que o motivou abandonar tudo e viver na sua, foram as brigas entre seus familiares e o ciúme que sua companheira sentia. Ademais, ao responder sobre a emoção despertada, o participante cita a perda da mãe na adolescência.

Nesse ponto, pode-se levantar a hipótese da *indignação*, paixão aristotélica que elencada anteriormente. É passível de tristeza perder a mãe na adolescência. Crescer sem a figura maternal pode causar frustração. Além disso, P1 também conta que após o falecimento, foi morar com “uma mulher”. Essa, que se tornou sua companheira, segundo ele, o traiu por mais de uma vez, causando brigas e ciúmes.

O relato acima descrito, elenca a traição como um dos fatores que o motivou abandonar o lar. Essa declaração evidencia um desconforto no orador. Essa quebra da

fidelidade e a deslealdade que simboliza uma traição podem despertar tanto a paixão da *indignação*, quanto a do *ódio*. A quebra da confiança, depositada em um cônjuge, é suscetível de tristeza, aversão e dissociação.

Embora P1 não tenha se delongado em suas considerações, ainda sim se tornou possível a identificação de alguns aspectos passionais em seu discurso que possam justificar sua escolha. Outrossim, é razoável aludir a outra emoção diante da análise do fragmento – “Casar de novo, ter uma casa, ver meus filhos” – por extensão, a paixão da *confiança* pode estar presente nessa fala, visto que a confiança está relacionada a esperança e na crença que o aproxima de meios para a salvação.

Nessa entrevista, portanto, puderam ser observadas as seguintes paixões: a *indignação*, o *ódio* e a *confiança*.

### **3.2. Análise – P2**

#### 1. QUAL SEU NOME E SUA IDADE?

Meu no é R. O., nasci numa sexta feira, 13 de junho de 1984, signo de câncer, tenho 35 anos de idade.

#### 2. VOCÊ SE IDENTIFICA COMO MULHER, HOMEM, NENHUM DOS DOIS OU COM UMA MISTURA DOS DOIS?

Sou Homem.

#### 3. VOCÊ SE SENTE ATRAÍDO POR MULHERES, HOMENS, OS DOIS, NENHUM DOS DOIS OU SE ATRAI POR PESSOAS INDEPENDENTEMENTE DO GÊNERO?

Como sendo homem, né, sujeito homem, eu gosto é de mulher.

#### 4. ONDE VOCÊ NASCEU?

Franca.

#### 5. VOCÊ TEM FAMÍLIA? ONDE ELES MORAM?

Sim, Franca, alguma pequena parte, somos em muitos.

#### 6. CASO TENHA FAMÍLIA, ELES JÁ PROCURARAM POR VOCÊ E TENTARAM TE LEVAR NOVAMENTE PARA O LAR?

Muitas vezes, já fui volto, inclusive, igual to na rua hoje, as vezes fico dois, três dias na rua e uma semana em casa. Mãe é uma só, né, é do fundo do coração, não pode ser abandonada

7. VOCÊ FAZ OU JÁ FEZ USO DE DROGAS?

Sim.

8. COMO ERA A CONDIÇÃO FINANCEIRA EM QUE VIVIA?

Crítica, já trabalhei e se tiver uma oportunidade de emprego, trabalho! Acostumado mais com serviços rurais, na roça.

9. QUAL FOI O MAIOR MOTIVO QUE TE FEZ VIR MORAR NA RUA?

Abuso, *cruelmente* da própria família dos meus irmãos mais *velho*, só isso, já deu pra entender? Dos meus irmãos mais *velho*, abuso, pronto. E minha mãe não podia fazer nada por mim, porque meu pai já era finado.

10. QUAL FOI A EMOÇÃO MAIS FORTE QUE VOCÊ SENTIU ANTES DE TOMAR ESSA DECISÃO?

Eu vou lhe responder agora. Quem ama cuida, igual coração de mãe *num* tem, sua mãe já tentou te matar, uma vez? Esse foi o sentimento, que minha mãe tentou me matar uma vez eu tive que pular a janela de casa e morar na rua. E o conselho tutelar de Franca sempre me entregava na mão da minha família. Torturado, amarrado na cama, enfrentando a morte de novo, mas eu sempre achava uma gretinha na janela, pulava um espaço de quase três metros de altura, quase quebrava o pé, mas eu ia pra rua.

Quando o conselho tutelar me achava de novo, às vezes eu *tava* em Ribeirão Preto, Ituverava, *tava* longe da Franca, as vezes com quatorze ou treze de idade. Isso foi com a primeira vez que fui pra FEBEM, foi com nove anos que eu tive que fazer isso, pra sobreviver, neste mundo frio e cruel que você vê, assim como me encontro agora.

a. POR QUE VOCÊ FOI PRA FEBEM?

Ué, porque eu fiz besteira, “157”, assalto.

b. VOCÊ SE ARREPENDE?

Amargamente, sim!

c. SOBRE A EMOÇÃO MAIS FORTE, O QUE VOCÊ SENTIU?

Bom... um pouco revoltado. Angustia, tristeza... Aí vem o ódio, vem a dor e um pouco de revolta. Um sentimento amargo.

11. QUAL O SENTIMENTO MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ?

Deus ouvir minha oração. O que eu sofri com o joelho no chão e a cara no pó, o que eu pedi não só para mim, mas por toda a humanidade dessa Terra. Ter minha casa, minha família com emprego.

12. QUAL ERA SEU MAIOR SONHO ANTES DE MORAR NA RUA? HOJE ESSE SONHO CONTINUA O MESMO?

Voltar ao reino da glória de meu pai, Jeová, a nova Jerusalém, aonde não existe fome, nem morte, nem sede, não há dor. Teremos o corpo dos anjos, as ruas são ouros e cristais e os muros de jaspe. O reino de meu pai Jeová!

13. VOCÊ SE ARREPENDE DE IR MORAR NA RUA?

Não... não... disso não.

14. VOCÊ JÁ BUSCOU AJUDA DE PROFISSIONAIS COMO ASSISTENTE SOCIAIS OU PSICÓLOGOS?

Várias vezes, várias vezes, até perdi as contas.

15. O QUE VOCÊ MUDARIA NO MUNDO?

Se eu tivesse condição de alguma coisa? Se Deus me desse a benção que eu pedi tanto pra ele, o que eu mudaria no mundo? Dinheiro nada pode fazer isso, somente Jesus, o coração da humanidade só Deus, porque dinheiro não é tudo nesse mundo, a ganancia é o que nos leva a perdição, principalmente a desobediência para com Deus, dinheiro não adianta. O que eu mudaria nesse mundo, eu vou ser sincero, eu tinha que ser Jesus, algo que não sou e nem posso me pôr no lugar dele, sou apenas a imagem e a semelhança dele, e não posso mudar a humanidade, muito menos o coração do homem. E quando digo homem, serve pra mulher também, porque é apenas a costela de Adão.

Seguindo o roteiro de entrevistas, esta segunda análise se refere à fala do, aqui identificado, P2 (participante 2).

Após as questões iniciais, de identificação, durante o percurso metodológico proposto pela entrevista, foi perguntando ao P2 qual foi o maior motivo que o fez ir morar na rua, obtendo-se como resposta:

“Abuso, *cruelmente* da própria família dos meus irmãos mais *velho*, só isso, já deu pra entender? Dos meus irmãos mais *velho*, abuso, pronto. E minha mãe não podia fazer nada por mim, porque meu pai já era finado.”

Levando-se em conta apenas esse trecho da entrevista, é possível verificar diversas questões passionais trazidas pelo participante. O fato de o entrevistado iniciar sua fala com a palavra “abuso”, de imediato, presume-se um trauma de infância.

Segundo o dicionário Houaiss, a termo “abuso”, em sua primeira definição é - “uso exagerado, injusto ou errado” – a outra acepção trazida no verbete é - “defloramento, estupro” – justamente esse sentido que P2 quis explicar em seu depoimento. Assumir, perante qualquer circunstância, ter sido violentado sexualmente, aparentemente, justifica a substituição do termo estupro por abuso como forma de amenizar toda a dor causada. A paixão da *vergonha*, descrita por Aristóteles, pode ser identificada nessa fala, pois, segundo o autor, ter relações sexuais com quem não convém e tirar proveito de pessoas indefesas são motivos de vergonha. Essa emoção torna-se mais aguda quando se analisa a expressão “própria família”. A proximidade, devido ao parentesco, traz à tona outra paixão aristotélica, que é a *indignação*.

No decorrer da entrevista, P2 também faz uso da repetição em – “meus irmãos mais velho” e “abuso” – isso se traduz como um modo de confirmar a sua resposta e não entrar em detalhes sobre o assunto, devido ao incômodo passional, tanto que finaliza sua fala com o termo “pronto”, ou seja, não havia mais o que dizer; para o entrevistado, aquilo já estaria claro.

Dando continuidade à análise da fala, o participante descreve o ambiente hostil e degradante em que vivia. Pode-se, assim, relacionar duas das paixões elencadas por Aristóteles em sua obra: o *ódio* e o *temor*.

Segundo o filósofo, o *ódio* é um sentimento intenso de ira e aversão. Oposto ao amor, pactua com a inimizade. Já o *temor* se configura como uma situação de aflição ou perturbação causada por um mal, seja ele iminente, seja ruinoso ou penoso. São temíveis as coisas com grande capacidade destrutiva, aquelas que causam danos e levam ao desgosto.

Ao passo que, usualmente, é na família onde se busca o amparo, quando isso lhe é negado e trazido às avessas, torna-se uma situação perturbadora, em que o indivíduo se vê traído e, conseqüentemente, amedrontado.

Ao ser questionado sobre qual foi a emoção mais forte que ele sentiu para tomar essa decisão, obteve-se a seguinte resposta:

“Eu vou lhe responder agora. Quem ama cuida, igual coração de mãe *num* tem, sua mãe já tentou te matar, uma vez? Esse foi o sentimento, que minha mãe tentou me matar uma vez eu tive que pular a janela de casa e morar na rua. E o conselho tutelar de Franca sempre me entregava na mão da minha família. Torturado, amarrado na cama, enfrentando a morte de novo, mas eu sempre achava uma gretinha na janela, pulava um espaço de quase três metros de altura, quase quebrava o pé, mas eu ia pra rua. Quando o conselho tutelar me achava de novo, as vezes eu *tava* em Ribeirão Preto, Ituverava, *tava* longe da Franca, as vezes com quatorze ou treze de idade. Isso foi com a primeira vez que fui pra FEBEM. Foi com nove anos que eu tive que fazer isso, pra sobreviver, neste mundo frio e cruel que você vê, assim como me encontro agora.”

Nesse momento, antes de iniciar sua fala, o entrevistado fez o uso de uma pausa, pareceu estar se preparando para a resposta quando retoma a fala com a expressão “responder agora”, o que pode confirmar essa possível preparação.

No percurso de sua argumentação, P2 tenta buscar a empatia com o entrevistador, e isso pode ser identificado na indagação – “sua mãe já tentou te matar, uma vez?”. Ele tenta estabelecer, em sua narrativa, uma proximidade, algo que o possibilite compartilhar aquele sentimento com o outro e demonstrar a paixão despertada.

Em um segundo momento, investigando o contexto como um todo, e tomando o entrevistado P2 como indivíduo que compõe um auditório, no contexto em que se insere, verifica-se mais elementos patéticos em sua resposta, identificados em: “Quem ama cuida, igual coração de mãe *num* tem, sua mãe já tentou te matar, uma vez? Esse foi o sentimento” – assim como no trecho: “Torturado, amarrado na cama, enfrentando a morte de novo”

Nessa fala, observa-se que a *indignação*, emoção listada na obra *Retórica*, foi possivelmente despertada em P2 quando, conforme relato, foi ameaçado de morte por sua mãe. Essa paixão pode ser despertada por meio do caráter, assim como a pena pela

crença de que o semelhante não merece o mal, a indignação reflete pelo entendimento do próximo não merecer aquilo que têm, de que a situação não é proporcional à virtude. O *temor*, também se faz presente nesse discurso, o medo da tortura, do sofrimento e da morte.

No decurso de sua fala, o participante cita sua passagem, entre 13 e 14 anos de idade, pela Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM). Nesse momento, questionado sobre o motivo de sua internação, ele alega ter praticado o artigo “157” do Código Penal Brasileiro, tipificado como roubo, e completou que se arrepende “amargamente” do que fez, trazendo à tona um sentimento de culpa e, novamente, a paixão da *vergonha*.

Os demais argumentos utilizados pelo orador demonstram uma grande devoção a Deus. No seu discurso, descreve passagens bíblicas, além de citar diversas vezes os termos “Jeová”, “Jesus” e “Deus”. Assim, é cabível que as paixões do *amor* e da *confiança* estejam presentes em sua manifestação.

Nessa entrevista, pudemos elencar a presença das seguintes paixões: *ódio*, *temor*, *vergonha*, *indignação*, *amor e confiança*.

Por fim, como se pode observar, as paixões aristotélicas enumeradas puderam ter, juntas, um poder persuasivo, possivelmente, incontrolável ao P2, fazendo com que as emoções comandassem, de fato, o seu julgamento e o colocasse na situação em que se encontra atualmente.

### 3.3. Análise – P3

1. QUAL SEU NOME E SUA IDADE?

Meu no é J.A.S., minha idade, trinta e seis anos.

2. VOCÊ SE IDENTIFICA COMO MULHER, HOMEM, NENHUM DOS DOIS OU COM UMA MISTURA DOS DOIS?

Homem.

3. VOCÊ SE SENTE ATRAÍDO POR MULHERES, HOMENS, OS DOIS, NENHUM DOS DOIS OU SE ATRAI POR PESSOAS INDEPENDENTEMENTE DO GÊNERO?

Só mulher

4. ONDE VOCÊ NASCEU?

Nasci em São Paulo, Arthur Alvin, vivi lá vinte e dois anos.

5. VOCÊ TEM FAMÍLIA? ONDE ELES MORAM?

Tenho, no Jardim Portinari, somos em nove em Franca.

6. CASO TENHA FAMÍLIA, ELES JÁ PROCURARAM POR VOCÊ E TENTARAM TE LEVAR NOVAMENTE PARA O LAR?

Já tentaram, porque eu fui criado dentro da igreja assembleia de Deus, sou músico, entendeu? Mas eu que tenho que dar o primeiro passo. Já quis voltar, mas não com essa aparência, porque eu *to* assim, como se diz, é... com a feição não assim aprumada *dum* cidadão, porque pessoas que é... a gente que é dependente químico, a pessoa vê a gente como um animal, um bicho, até corta a volta na calçada, entendeu? Mas como meu nome é J.A., eles me chamam de P., eu sei que o amor que eu do pra essas pessoas eles reconhecem.

7. VOCÊ FAZ OU JÁ FEZ USO DE DROGAS?

Eu uso.

8. COMO ERA A CONDIÇÃO FINANCEIRA EM QUE VIVIA?

Eu sou mecânico, tenho minha carta, tudo certinho, mas, devido a ocorrência que aconteceu quando eu casei, não me deram valor, entendeu? Pra mim não brigar, eu sai... aí eu conheci esse mundo. Ganhava mil e duzentos *real* por mês.

9. QUAL FOI O MAIOR MOTIVO QUE TE FEZ VIR MORAR NA RUA?

Igual eu te falei... família, mas não a família da minha mãe... o casamento. Porque o que eu fiz, não deram valor. É porque eles são assim, uma família mais ou menos, meio, *num* é de grande... como se diz, posse de dinheiro, mas queria se tornar como um rico. Mas Deus conhece e sabe o que eu fiz. Pra não brigar, eu sai de casa, por causa da mãe dela... não é negócio de *agredissão*, nada... fala demais, queria dinheiro toda hora.

10. QUAL FOI A EMOÇÃO MAIS FORTE QUE VOCÊ SENTIU ANTES DE TOMAR ESSA DECISÃO?

É *deu* perder o amor do meu filho, parça... isso daí foi a coisa mais triste pra mim. Eu tenho um só... chama T.S.C.S. *Num* posso ver ele, ela já arrumou outra pessoa. Ele *tá* com quatorze anos. É doido, *véi*, eu não sei explicar, mas só Deus conhece.

a. POR ISSO QUE VOCÊ VEIO MORAR NA RUA?

Não foi por causa disso, mas por causa da mãe da minha ex-mulher, entendeu? Aí eu conheci esse mundo, e outra, eu perdi um tesouro que Deus me deu, que é meu filho, mas Deus sabe o que faz.

11. QUAL O SENTIMENTO MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ?

É ter minha mãe de volta, meu pai, os irmãos ... e voltar a ser músico novamente.

12. QUAL ERA SEU MAIOR SONHO ANTES DE MORAR NA RUA? HOJE ESSE SONHO CONTINUA O MESMO?

Era ter uma casa, *sossegadinho*, um carro, entendeu? Ver o meu suor escorrer na minha cara. Esse continua sendo... poder ajudar as pessoas, igual... muitas pessoas no J., me conhecem, se precisarem de mim qualquer hora, precisando, estamos aí.

13. VOCÊ SE ARREPENDE DE IR MORAR NA RUA?

Arrependo... porque isso é destruição, é um caminho sem volta.

14. VOCÊ JÁ BUSCOU AJUDA DE PROFISSIONAIS COMO ASSISTENTE SOCIAIS OU PSICÓLOGOS?

Não, não, não... essa ajuda não. Ajuda mesmo é a gente mesmo criar vergonha na cara, mas buscar nossa felicidade, a gente tem que passar uma borracha por cima, é difícil, mas a gente tem que tentar...

15. O QUE VOCÊ MUDARIA NO MUNDO?

Mudar eu não posso mudar nada... agora quem pode mudar é a gente mesmo, a gente pode fazer a alegria que a gente quer buscar... a gente quer buscar o respeito e amar como se deve ser amado. Mudar eu não posso mudar, só Deus.

Conforme foi informado anteriormente, as entrevistas buscam, por meio das respostas dos participantes, a identificação de possíveis emoções despertadas, que tenham relevância na tomada de decisão dessas pessoas.

Nessa terceira entrevista, P3 descreve a situação atual em que vive e a tentativa frustrada de seus familiares de tirá-lo da rua. No trecho:

“Mas eu que tenho que dar o primeiro passo” Já quis voltar, mas não com essa aparência, porque eu *to* assim, como se diz, é... com a feição não assim aprumada *dum* cidadão, porque pessoas que é... a gente que é dependente químico, a pessoa vê a gente como um animal, um bicho, até corta a volta na calçada, entendeu?”

Ao citar sua aparência, P3 transmite uma latente vergonha de sua fisionomia. Quando afirma não estar aprumado, o orador demonstra não se julgar a prumo, ou seja, não estar alinhado perante a sociedade. Aristóteles, menciona que a paixão da *vergonha* causa naquele que a sente uma preocupação no estabelecimento de uma boa imagem perante o olhar do outro. Por essa razão, é provável que esse sentimento esteja em evidência nessa situação.

Posteriormente, P3 busca demonstrar uma credibilidade em seu passado, descrevendo sua profissão e seu salário. No entanto, no decorrer da sua fala, ao citar sua ex-esposa, menciona seu desapontamento. Ao dizer que não teve o valor, que julgava merecer, o locutor exterioriza um presumível sentimento de tristeza e chateação, o que se assimila, mais uma vez, à paixão da *indignação*.

No decorrer da entrevista, P3 justifica que, para não brigar com a ex-sogra, achou melhor abandonar o lar. O convívio entre eles, segundo seu relato, não era saudável e, por se sentir, de certa forma, pressionado financeiramente, a solução encontrada foi deixar sua casa.

Nessa fala, podemos observar duas paixões aristotélicas, a primeira é o *ódio*, pois é um sentimento dissociador, proveniente da inimizade, o que se justifica na impossível convivência com mãe de sua ex-esposa. A segunda paixão é a *calma*, que se destaca no momento em que P3 explica que, para evitar brigas, deixou o lar. Mesmo havendo um desdém de sua sogra, o orador opta por tratar com indiferença essa situação.

Quando questionado sobre a emoção, P3, visivelmente chateado, afirma que perder o amor do filho foi, nas palavras dele, “a coisa mais triste”, completando com “doido, *véi*, eu não sei explicar”. Aqui é admissível elencar as paixões do *amor* e da *indignação*. O *amor* paternal é o sentimento que pulsa diante de laços consanguíneos, de forte afeição. Já a *indignação* parece presente na tristeza do orador. Estar longe e ser negado de uma reaproximação pode causar um mal que se julga não merecer.

Mais tarde, respondendo as últimas perguntas, P2 demonstra boa expectativa para o futuro. Por mais que admita ser um “caminho sem volta”, sonha em retomar suas atividades, reencontrar sua família, ter uma casa e um carro.

No momento em que profere “ver o meu suor escorrer na minha cara”, P3 demonstra querer trabalhar duro, e que o cansaço da labuta parece ser honroso.

Embora todas as últimas respostas possam demonstrar a esperança, é no trecho a seguir que ela se faz mais evidente.

“Ajuda mesmo é a gente mesmo criar vergonha na cara, mas buscar nossa felicidade, a gente tem que passar uma borracha por cima, é difícil, mas a gente tem que tentar”

A felicidade parece estar acima de qualquer aparente tristeza, a expressão “passar uma borracha” simboliza o apagamento de todo o passado e de seus males. A dificuldade é incontestável, contudo, deve haver tentativa. A paixão da *confiança*, possivelmente, está relacionada ao ato em si. Segundo o entrevistado, é crível a crença em Deus, em si próprio e na perspectiva de melhora e saída das ruas.

Essa análise nos permitiu elencar as seguintes paixões aristotélicas: *vergonha*, *indignação*, *ódio*, *calma*, *amor e confiança*.

### 3.4. Balanço das Três Entrevistas

Finalizada a etapa das análises retórico-passionais das entrevistas transcritas, é pertinente que sejam apresentadas algumas considerações acerca das emoções identificadas nesses moradores em situação de rua.

Dentre as paixões elencadas, foi possível notar uma similaridade entre todas as que foram reconhecidas. No íntimo de cada discurso, as paixões da *indignação*, do *ódio* e da *confiança* foram, possivelmente, vivenciadas por todos os entrevistados. Embora essas falas sejam distintas e de cada um ter apresentado suas motivações pelas mais variadas razões, a essência de todas elas aparentam ser iguais.

A revolta, que pode ser vinculada à *indignação* parece conseguir justificar o abandono do lar pela não aceitação da condição pré-existente. O *ódio* pode ser muito mais do que motivador, além de causar sofrimento, esse sentimento desassocia, levando o indivíduo ao seu extremo. A *confiança*, por outro lado, não apresenta ligação entre às paixões despertadas nesses indivíduos que os motivaram abandonar seus lares, mas sim, se mostra como o inverso, é nessa paixão que repousa a esperança de deixar essa condição de marginalização.

## Considerações Finais

Este trabalho buscou rever reflexões inerentes à retórica aristotélica, principalmente no que diz respeito ao *pathos* e as paixões despertadas capazes de persuadir e levar os indivíduos às mais variadas ações. Dedicou-se também a realizar a apresentação e a aplicação dessas teorias clássicas da retórica, concomitantemente, com conceitos da psicologia e algumas concepções sociológicas e jurídicas.

Baseando-se nos discursos dos moradores em situação de rua que aceitaram, espontaneamente, passar por entrevistas, o que viabilizou a composição do *corpus* dessa pesquisa, pôde-se verificar, por meio de análises qualitativas da retórica, a correlação entre os elementos passionais, psíquicos e as condutas provenientes das ações extremas dos indivíduos em questão. Evidencia-se, ainda, uma possível correlação entre fatores emocionais e a condição de moradores em situação de rua. Esse resultado possibilita um estudo futuro mais amplo, que venha a contemplar aspectos sociológicos e jurídicos capazes de neutralizar, de certo modo os efeitos extremos do emocional humano, por meio de estudos, políticas públicas e assistência direta a esses cidadãos marginalizados.

Dessa maneira, este estudo tem também a pretensão de contribuir com a agenda de estudos sociais do tema em questão e com sua aplicação no que se refere aos Direitos Humanos e Garantias Fundamentais. Com base nas teorias do Direito, da Sociologia e da Psicologia, sob a ótica da Retórica, notadamente das paixões aristotélicas, esta pesquisa, que se valeu de métodos empíricos, buscou lançar um olhar para os fatores emocionais que podem contribuir para conduzir os indivíduos a morarem na rua.

## Referências

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê, 2002.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BOVE, C; FIGUEIREDO, G. A política nacional para a população em situação de rua: processo e participação. In: GRINOVER, A. P.; ASSAGRA, G.; GUSTIN M.; LIMA, P.

C. V.; LENNACO, R. (Orgs.). **Direitos fundamentais das pessoas em situação de rua**. Belo Horizonte: D`Plácido, 2014.

FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010. (Coleção Linguagem e Ensino).

FIGUEIREDO, M. F.; FERREIRA, L. A. A perspectiva retórica da argumentação: etapas do processo argumentativo e partes do discurso. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016.

FIGUEIREDO, M. F. A retórica das paixões revisitada. In: LUDOVICE, C. A. B.; MANFRIM, A. M. P.; OLIVEIRA, M. R. M. (Orgs.). **O texto**: corpo, voz e linguagem. Franca: Unifran, 2018.

FIGUEIREDO, M. F. A trajetória das paixões: Aristóteles, a Retórica das Paixões e suas implicações no contexto discursivo/argumentativo. **Sinergia** (Revista Científica do Instituto Federal de São Paulo), v. 20: Edição Especial – Comunicação Científica, Cognição e Persuasão, set. 2019.

FIORIN, J. L. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HEIDEGGER, M. **Que é isto – a filosofia?** (1955) in: Conferências e escritos filosóficos, tradução de Ernildo Stein, São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LIMA, M. A. **A retórica em Aristóteles**: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia. Natal: IFRN, 2011.

MATEUS, S. **Introdução à retórica no séc. XXI**. Covilhã: LabCom Books, 2018.

MEYER, M. **A retórica**. Tradução de Marli M. Peres. São Paulo: Ática, 2007. (Série Essencial)

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1994.

MORAES, A. **Direito constitucional**. São Paulo: Atlas, 2010.

PERELMAN, C. **Retóricas**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2015.

Artigo recebido em: 18/03/2020

Aprovação final: 22/04/2020

DOI: <https://doi.org/10.35501/dissol.vi10.817>